



**Universidade de Brasília
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica**

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO E O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: do alinhavo aos arremates**

Juliana Gonçalves Dias da Costa

Orientadora Prof^ª. DR^ª. Rosana César de Arruda Fernandes

Tutora-Orientadora Prof^ª. Ms. Vânia Leila de Castro Nogueira Linhares

Brasília/ DF
Dezembro, 2015

Juliana Gonçalves Dias da Costa

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO E O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: do alinhavo aos arremates**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob a orientação da Prof^a. DR^a. Rosana César de Arruda Fernandes e da Prof^a. Ms. Vânia Leila de Castro Nogueira Linhares.

Brasília/ DF
Dezembro, 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

Juliana Gonçalves Dias da Costa

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: do alinhavo aos arremates

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. DR^a. Rosana César de Arruda Fernandes – (UAB/UNB)
(Professora-orientadora)

Prof^a. MSc. Vânia Leila de Castro Nogueira Linhares – (SEEDF)
(Examinadora interna)

Prof^a. DR^a. Claudia Denis Alves Paz – (SEEDF)
(Examinadora externa)

Brasília, 19 de Dezembro de 2015

Dedico este trabalho a toda criança da Educação Infantil, pois por ela estarei buscando conhecimentos, refletindo sempre e lutando para que a escola seja um lugar de sonho, de desejo, de loucura pelo saber, onde o essencial seja o aprender com prazer.

AGRADECIMENTOS

“E a vida vai tecendo laços quase impossíveis de romper: tudo que amamos são pedaços vivos do nosso próprio ser.”

(Manuel Bandeira)

Hoje vejo como laços firmes costurados com amor, determinação, paciência, ousadia, criatividade, esperança me fizeram chegar até aqui. A vida tecida com gratidão torna-se mais leve e prazerosa, por isso meus sinceros agradecimentos a todos que de alguma maneira reforçaram os pontos dessa tessitura, e me ajudaram quando tudo começou a desfilar-se e continuam junto a mim alinhavando e doando seu jeito particular de tecer a vida colaborando com a minha própria costura.

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu o dom da vida e que, como o mais precioso e perfeito tecelão na arte de criar, tece as tramas da nossa existência cuidadosamente, bastando a nós apenas nele confiar.

Aos meus amados pais, Weldas e Ana Lúcia, que com mãos carinhosas e incansáveis sempre alinhavaram nossa família com linhas firmes, por vezes remendando os fiapos quando era preciso e atando muitos nós de afeto e cuidado, demonstrando que o amor é a arte mais bonita que existe.

Às minhas irmãs queridas, Luciana e Ana Paula, que estiveram presentes bordando felicidade e amizade na minha caminhada.

Ao meu esposo Emerson e filhos amados, Rafael e Arthur, que fio a fio me completam e me ajudam a tecer com mais alegria e amor a minha vida.

A toda e qualquer criança... Que sempre encanta, que, como na epígrafe, é “artesã da própria experiência e do próprio saber”. Minha verdadeira paixão! Por elas estarei sempre buscando novas possibilidades de melhoria na minha prática, ensinando, aprendendo, reaprendendo... Perto e com elas.

A todas as pessoas que de alguma maneira participaram desse processo, direta ou indiretamente, dando opiniões, escutando minhas lamentações, encorajando-me nas horas mais difíceis... Colegas de trabalho, deste curso de especialização, amigas de sempre. Destaco aqui uma pessoa que me influenciou muito, que me inspirou a vontade de cada vez mais ser criativa, dedicada, ter opinião e espírito de coletividade. Obrigada Professora Rolé, por ter entrelaçado ao

meu tecido de vida fios preciosos de sua constante e determinada costura em busca de uma educação pública de qualidade!

Não posso deixar de agradecer também a todas as pessoas especiais que trabalharam e trabalham hoje no CEI 01 de Sobradinho, pois foi nessa escola que nasceu o meu amor pela educação infantil e a certeza de que um trabalho feito coletivamente, apesar dos fiapos e muitos emaranhados de fios, dos possíveis zig zags na costura, pode resultar na criação de um tecido valoroso, com combinações de cores maravilhosas e únicas.

Aos tutores Edvaldo e Vânia, que ao longo do curso, sempre estiveram a postos para me ajudar e me encorajar, ponto a ponto, puxando fios, acompanhando atentamente o movimento do tear, tecendo e retecendo opiniões tão importantes para o arremate final deste trabalho.

Enfim, é preciso admitir que ainda faltam agradecimentos, mas como fica difícil elencar todos que mereciam estar aqui nomeados, agradeço de coração, por saber que cada um, cada uma que passou pela minha vida, ajudou-me a escolher os fios mais especiais para manter o meu tear em funcionamento, visando à fabricação de tecidos cada vez mais bonitos de se ver e maleáveis de sentir. Tenho a certeza que vou continuar tecendo, imaginando, criando, construindo e reconstruindo, acreditando que na educação podemos tecer sempre com os melhores fios e produzir cada vez mais tecidos perfeitos e harmoniosos.

Por uma ideia de criança

Por uma ideia de criança rica,
na encruzilhada do possível,
que está presente
e que transforma o presente em futuro.

Por uma ideia de criança ativa,
guiada, na experiência,
por uma extraordinária espécie de curiosidade
que se veste de desejo e de prazer.

Por uma ideia de criança forte,
que rejeita que sua identidade seja
confundida com a do adulto, mas que a oferece
a ele nas brincadeiras de cooperação.

Por uma ideia de criança sociável,
capaz de se encontrar e se confrontar
com outras crianças
para construir novos pontos de vista e conhecimentos.

Por uma ideia de criança competente,
artesã da própria experiência
e do próprio saber
perto e com o adulto.

Por uma ideia de criança curiosa,
que aprende a conhecer e a entender
não porque renuncie, mas porque nunca deixa
de se abrir ao senso do espanto e da maravilha.

Aldo Fortunati

RESUMO

Este trabalho visa analisar o planejamento na Educação Infantil, levando em consideração a eficácia do planejamento coletivo e a ação conjunta do coordenador como articulador e formador, contribuindo neste processo, tendo em vista que o planejamento feito coletivamente pode propiciar a reflexão sendo um fio condutor de formação continuada *in lócus*. No desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa. As informações foram obtidas por meio de instrumentos de coleta de dados como questionário e entrevista semiestruturada, aplicados para três professoras regentes e uma coordenadora pedagógica do Centro de Educação Infantil 01 de Sobradinho. O aporte teórico possibilitou tecer ideias com os autores que discutem a importância de uma formação continuada realizada no interior e no coletivo da escola, contando com as contribuições de Fusari (1993), Gandin (1993), Nóvoa (1995), Placco (2002) Domingues (2014) dentre outros que puderam esclarecer e dar suporte nas considerações ao tema pesquisado. A partir das análises dos dados, pode-se confirmar as possibilidades de um planejamento construído coletivamente com o apoio e participação efetiva do coordenador pedagógico, apesar de muitas dificuldades que emergem no cotidiano escolar no que diz respeito à constituição do trabalho coletivo, favorecer a reflexão conjunta e consequentemente à formação continuada.

Palavras-chave: Educação Infantil. Coordenador Pedagógico. Formação Continuada.

ABSTRACT

This article aims to analyze the planning of Childhood Education, taking into account the effectiveness of the collective planning and the joint action of the coordinator as articulator and trainer contributing in this process, considering that the planning done collectively can promote reflection being a conducting thread of continued education *in locus*. In the development of this research, a qualitative approach was chosen. All the info was obtained through data collection instruments such as questionnaires and semi-structured interviews, applied to three teachers and one pedagogic coordinator from Centro de Educação Infantil 01 de Sobradinho. The studied theoretical framework enabled the weaving of ideas with authors that discuss the importance of continued education on the inside and the collective of the school, relying on contributions from Fusari (1993), Gandin (1993), Nóvoa (1995), Placco (2002), Domingues (2014) among others that could clarify and support the considerations on the addressed topic. From the data analysis, we can confirm the possibilities of a planning collectively built with the support and active participation of the pedagogic coordinator, despite many difficulties that arise in everyday school life with regard to the foundation of collective work, promote joint reflection and consequently to continued education.

Keywords: Childhood Education. Pedagogic Coordinator. Continued Education.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEI	Centro de Educação Infantil
CPI	Classe Pré-Inclusiva
DCNEIs	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EAPE	Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação
FEDF	Fundação Educacional do Distrito Federal
GREB	Gerência Regional de Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
SOE	Serviço de Orientação Educacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – O PROCESSO DA TECELAGEM: DEFININDO O LIGAMENTO DO TECIDO	15
1.1 Contextualização da pesquisa.....	15
1.2 Tipo de pesquisa	17
1.3 Lócus da pesquisa: apresentando o tear escolhido	18
1.3.1 Organização administrativa.....	20
1.3.2 Quadro de funcionários	20
1.4 Procedimentos de coleta de dados	23
1.5 Sujeitos da pesquisa	24
1.6 Perfil dos sujeitos	25
1.7 Formação Acadêmica	25
1.8 Tempo de SEEDF e atuação na educação infantil.....	25
CAPÍTULO 2 – PARA COMEÇO DE COSTURA	26
2.1 Educação infantil: entendendo a história para o preparo da tecelagem.....	27
2.2 Planejamento: costurando noções importantes.....	29
2.3 Planejamento na educação infantil: selecionando o fio para tecer.....	30
2.4 Planejamento coletivo: na tessitura, várias texturas.....	31
2.5 O coordenador pedagógico como tecelão: entremeando a formação	33
CAPÍTULO 3 – OBSERVANDO O MOVIMENTO DO TEAR	36
3.1 Análises das questões objetivas	36
3.2 Análise das questões discursivas.....	37
CONCLUSÃO: NA BUSCA DE ARREMATES	47
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES	52
APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – COORDENADORA	56

INTRODUÇÃO

“A formação de educadores terá de ser pensada priorizando-se a formação do hábito de busca e de reflexão. E isto é uma arte, assemelhada a maneira de tecer de um tecelão, requerendo não só habilidade, mas a visão estética e coerente do que se faz.” (LIMA E SANTOS, 2007, p. 85)

A epígrafe citada acima norteou a escolha do tema desta pesquisa bem como a maneira metafórica com que o corpo do trabalho foi sendo tecido e pontuado.

Com o título: “O coordenador pedagógico e o planejamento na Educação Infantil: do alinhavo aos arremates”, fica o convite a um entrelaçamento de ideias e um mergulho no imaginário. As questões pertinentes ao tema irão se reportar a uma analogia do coordenador pedagógico a um tecelão.

Optei pela metáfora do tecelão por estar imersa na esfera da Educação Infantil e cultivar um espírito de criatividade; de contação de histórias; de imaginação na arte de ensinar e aprender; e de ter uma visão poética do coordenador e do planejamento na educação infantil que possibilita mais leveza e sensibilidade a cerca desses pontos tão importantes para a realização de uma educação de qualidade.

O interesse pela construção desta pesquisa está relacionado à minha vivência de vários anos como coordenadora da escola pesquisada e por ser participante de um trabalho coletivo, podendo vislumbrar, apesar de muitas dificuldades enfrentadas, as possibilidades do planejamento constituir-se um fio condutor de formação continuada.

A formação continuada, considerada neste trabalho, é a constituída no cotidiano escolar, nos momentos do planejamento coletivo. Nesse sentido, o estudo é o campo pedagógico, que analisará o papel do coordenador como formador. Apesar de sabermos que este possui várias atribuições, frisaremos a função de formador, articulador e orientador de um trabalho coletivo no processo educativo, que para nós é um dos mais importantes papéis que este profissional realiza dentro da escola.

Os muitos anos de experiência que vivi, e ainda vivo na escola hoje como professora regente de uma turma de 2º período, ofereceu-me pistas para entender que um planejamento construído coletivamente favorece um crescimento tanto

institucional como pessoal. Um grupo de pessoas motivadas, instigadas por mudanças e inovações, criativas, constantemente refletindo sobre a sua prática e a finalidade da Educação Infantil, faz com que a escola caminhe para um espaço de formação em que muitos dos envolvidos engajados no trabalho constituam uma história institucional valorosa.

Em sua tessitura, esta pesquisa costura reflexões comparando a escola com um TEAR, o coordenador com o TECELÃO, FIO com o planejamento coletivo, TECIDO com uma educação de qualidade, trama e urdidura, também serão entrelaçados ao contexto.

É nesse contexto de uma escola em permanente processo de busca de criação e manutenção do trabalho coletivo que seguirão questionamentos para análise costurando todo este estudo como: O planejamento coletivo na Educação Infantil pode ser tornar fio condutor de uma formação continuada *in lócus*? Como o coordenador pedagógico deve agir, que postura deve ter e o que precisa realizar para mobilizar e encaminhar um planejamento pedagógico coletivamente conscientizando o corpo docente para que a prática seja objeto de reflexão e pesquisa?

A relevância deste assunto justifica-se por ser o planejamento de suma importância para o desenvolvimento de um trabalho comprometido e reflexivo, também contribuindo para o desenvolvimento da reflexão sobre a prática pedagógica dos professores da Educação Infantil, visto que essa reflexão pontua várias maneiras de fazer acontecer uma formação continuada valorosa no ambiente educacional.

Dessa forma, o objetivo geral desse trabalho é: Analisar o planejamento coletivo realizado no tempo e espaço da coordenação pedagógica como fio condutor de formação continuada. E como objetivos específicos: Analisar o papel do coordenador frente ao planejamento pedagógico e sua efetivação, bem como analisar as percepções de professores acerca do planejamento favorecer a formação continuada.

Optou-se pela abordagem qualitativa, estudo de caso, como metodologia para esta pesquisa. Foram utilizados questionário e entrevista na coleta de dados. Os instrumentos tiveram como finalidade obter melhor compreensão sobre o processo de planejamento coletivo e formação continuada na instituição, a fim de esclarecer

com mais clareza o problema da pesquisa, que consiste em saber se o planejamento coletivo pode se tornar fio condutor de uma formação continuada.

Uma das dificuldades encontradas para realizar esta escrita, foi me afastar da perspectiva de coordenadora para assumir a postura coerente de uma pesquisadora. Foi um processo lento, incômodo, mas possível.

Na tessitura de reflexões acerca do problema apresentado, a pesquisa está desenvolvida em três capítulos. No primeiro, definimos o ligamento do tecido quando abordamos a metodologia desenvolvida. Desta forma, caracterizamos a pesquisa na abordagem qualitativa, o contexto e o lócus da pesquisa, tipo de pesquisa e seus interlocutores, instrumentos utilizados bem como os procedimentos de coleta dos dados.

No segundo capítulo, iniciamos o processo da tecelagem, apresentando o referencial teórico, buscando refletir sobre alguns temas que se fazem necessários para o entendimento a respeito do tema levantado. Contamos com as contribuições de Fusari (1993), Nóvoa (1995), Domingues (2014), Gandin (1993), Placco (2002) dentre outros.

No terceiro capítulo, observando o movimento do tear, apresentamos os resultados que foram obtidos com as análises dos dados, tendo por base o referencial teórico, entrevista e os questionários aplicados, buscando fazer uma relação do planejamento coletivo com a formação continuada e suas possibilidades no lócus da pesquisa.

Por fim, em busca de arremates, tecemos nossas considerações finais que encerrarão este trabalho.

Lima e Santos (2007) deram o mote desta pesquisa, que lançará fios na busca por uma condução de um trabalho valoroso.

A seguir, daremos início a tecelagem, e a leitura faz-se necessária para o entendimento e acompanhamento do trabalho.

Então, vamos tecer juntos?

PROCESSO DA TECELAGEM: DEFININDO O LIGAMENTO DO TECIDO

“Não basta saber, é preciso aplicar; não basta querer, é preciso, também, agir”. (Goethe)

Tecelagem é o ato de tecer, através do entrelaçamento de fios. Com fios de trama ou de urdume, o tecido é formado. Na tessitura, o tecelão precisa escolher e organizar os fios para iniciar o movimento do tear. Dependendo da escolha para enlaçar os fios, produzirá uma infinidade de combinações que resultará em tecidos variados.

Na metodologia de aplicação de uma pesquisa, também se torna necessário uma triagem, a escolha do caminho a percorrer, um trabalho análogo ao de um tecelão. É imprescindível a escolha do tecido que irá fazer, que tipos de fios irá usar, se o tear está em boas condições de uso, assegurar-se de que os instrumentos necessários estejam à mão, e realizar todas as etapas para a confecção do tecido. Esse tecido será de qualidade na medida do empenho e atenção do tecelão em todas as etapas do processo. Um bom resultado de uma pesquisa, também dependerá do empenho e da escolha dos procedimentos e caminhos para se atingir a um objetivo.

Nas seções seguintes são apresentadas as etapas da construção dessa tecelagem.

1.1 Contextualização da pesquisa

A fim de esclarecer a escolha da temática deste estudo, podemos dizer que as experiências vividas no campo pessoal e profissional nos direcionam para certos caminhos, escolhas, preferências ou até afastamentos.

As tramas já vividas são relevantes, pois por meio delas foram superados desafios, foram construídos laços fortes, foram deixados para trás alguns incômodos e nós foram atados e outros criados.

Como numa constante costura, nossas memórias carregam muitas histórias que se bem lembradas nos possibilitam vivenciar um presente com mais experiência

e vislumbrar o futuro, encorajando-nos a continuar a tecer vida a fora.

O interesse pelo tema me acompanha desde o início da profissão. Na Faculdade de Pedagogia, o amor pela Educação Infantil e pelo trabalho coletivo começou a ser alinhavado. A experiência vivida nos 7 anos de regência numa escola particular, onde o trabalho individual era a única opção, as aulas eram padronizadas e não havia nenhuma troca de experiência, devido o rigor da instituição, solitárias inquietações e várias reflexões foram fomentadas.

Ingressei na Secretaria de Educação em 1999, muito contente, com uma enorme vontade de fazer tudo diferente. Sonhava com o trabalho em equipe e tinha diversas propostas inovadoras, para colocar em prática fruto das teorias encantadoras interiorizadas na graduação. Mas, entre o imaginário e o real, pude perceber que o trabalho seria árduo. Durante um ano e meio, trabalhei em uma biblioteca em São Sebastião e depois em uma escola rural no Paranoá. Lutei bastante para instigar um movimento coletivo, tendo poucas adesões. Pude vivenciar diferentes maneiras de conceber a coordenação pedagógica. Nas duas escolas em que trabalhei, tinha muitos entraves, resistência às mudanças, apatia, descontentamento, pouco comprometimento e ações isoladas, dificultando o cultivo desse campo tão fértil que é o espaço da coordenação.

Em 2001, tive o prazer e a sorte de conhecer uma escola com um movimento diferente. No início foi um pouco difícil acompanhar a dinâmica da instituição, mas busquei romper com práticas engessadas. Silva (2007) enfatiza, que práticas cristalizadas podem ganhar ressignificação nos momentos de reflexão e formação. Encorajei-me a fazer parte desse movimento emancipador, sendo regente de sala por 6 anos, supervisora pedagógica por 2 anos e coordenadora pedagógica por 7. Atualmente como professora regente de uma turma de 2º período.

Nessa escola, o planejamento é coletivo e funciona de uma forma dinâmica e criativa. São nas coordenações que nascem novas ideias e são criados novos projetos. O trabalho realizado torna-se um diferencial positivo para o desenvolvimento dos projetos e ações presentes no Projeto Político Pedagógico da escola. Os momentos de coordenação são ricamente aproveitados para o planejamento, preparação de atividades e materiais, discussões, reflexões, troca de experiências, avaliações, dentre outras atividades.

Os professores, coordenadora e equipe estão preocupados em enriquecer a

prática pedagógica e favorecer a reflexão sobre temas atuais e o cotidiano escolar. Com o passar dos anos, a escola construiu sua identidade e entende seu papel social, tendo clareza de que a coordenação pedagógica é um espaço perfeito para que a formação continuada aconteça.

Silva (2007) diz que “[...] construção coletiva que não admite a separação entre quem pensa e quem executa [...]”, uma escola organizada coletivamente onde todos pensam e com responsabilidade colocam em prática, concretiza um trabalho de qualidade fortalecendo as tramas e laços para então produzir um tecido de alto padrão, uma educação de qualidade.

1.2 Tipo de pesquisa

Uma metodologia de pesquisa pode variar de acordo com a sua natureza. Assim uma pesquisa pode ser qualitativa, quantitativa, básica ou aplicada. A metodologia qualitativa foi escolhida para esta pesquisa. Pretende-se compreender a dinâmica educativa e interpretar seus caminhos, entender o processo das relações humanas no ambiente educativo como dinâmico, interativo e interpretativo.

Mais do que qualquer outra, a metodologia qualitativa permite a proximidade entre pesquisador e pesquisados, como diz Marconi e Lakatos (2009) aproxima melhor o pesquisador do objeto pesquisado permitindo um contato entre eles.

Marconi e Lakatos (2010, p. 269) acrescentam que a metodologia qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano.

Nesse sentido, Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE 1986, p. 11-12) explicitam algumas características principais de uma pesquisa qualitativa.

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou produto; a análise dos dados é realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador, não requerendo o uso de técnicas e métodos estatísticos; e por fim tendo como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

Nesta pesquisa, foi usado o estudo de caso como estratégia da pesquisa. Para Marconi e Lakatos (2010, p. 274), “O estudo de caso refere-se ao levantamento

com mais profundidade de determinado caso ou grupo sob todos os seus aspectos. Entretanto, é limitado, pois se restringe ao caso que estuda, ou seja, um único caso [...]”. E pode assim propiciar a investigação de um fenômeno contemporâneo, em seu contexto real, possibilitando a explicação de ligações casuais de situações singulares, sendo relevante no processo educativo. Sobre o estudo de caso Lüdke e André (1986, p.17) argumentam que:

[...] é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações.

Como o planejamento coletivo realizado na coordenação pedagógica é um fenômeno amplo e cheio de complexidade, deve ser estudado dentro do contexto real em que está inserido. Amparado por bases teóricas contidas no referencial de pesquisa e reconhecendo o tema como de importância para futuras investigações, o estudo de caso propiciou uma melhor compreensão da realidade específica. O estudo de caso é de grande valia para Triviños (1987, p. 111), pois pode: “[...] fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada que os resultados atingidos podem permitir e formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas”.

1.3 Lócus da pesquisa: apresentando o tear escolhido

Existem vários tipos de teares. Tear manual, industrial ou de brinquedo. O que muda é o tamanho e materiais com que são construídos. Pode ser de papelão, madeira, plástico. São diferentes também quanto à sua complexidade, pois podem produzir tecidos simples ou de padronagens bastante aprimoradas. Não importando o tipo, o tecido é sempre o seu resultado final.

Propondo mais uma analogia, podemos dizer que cada escola possui um contexto. São diferentes uma da outra, com seu cotidiano, sua linha pedagógica, com problemas, anseios, aspirações, desafios e possibilidades, mas todas devem ou deveriam buscar o mesmo objetivo: uma educação de qualidade para seus alunos.

A escolha do lócus para o desenvolvimento da pesquisa direcionou-se para o Centro de Educação Infantil 01 de Sobradinho pelo motivo da mesma ter um

trabalho fundamentado na perspectiva da coletividade, sendo campo profícuo para observações e constatações a cerca do tema proposto.

Foi escolhido, como campo de pesquisa, o Centro de Educação Infantil (CEI) 01 de Sobradinho, antigo Jardim de Infância 01 de Sobradinho. Foi conhecido primeiramente como Jardim de Infância João Arbex, através de convênio entre a antiga Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) e a Loja Maçônica Fraternidade e Justiça II. A escola iniciou suas atividades em 31 de maio de 1971, sob a direção da professora Maria Celina Guimarães Batista.

A instituição foi criada na Região Administrativa de Sobradinho e a alteração da denominação para Jardim de Infância 01 ocorreu somente em 21/10/1976.

Não foram encontradas informações precisas sobre a transferência da escola que funcionava na Loja Maçônica, hoje localizado na Quadra 02 de Sobradinho, onde funcionava na época a Escola Classe 06, há muito extinta.

Após anos de funcionamento e necessitando de reforma, a escola transfere-se provisoriamente para a escola Luiz Márcio, enquanto a reforma se concretizava. A escola foi ampliada e entregue à comunidade em abril de 1997, com a presença do então Secretário de Educação Antônio Ibañes Ruiz.

É tradicionalmente conhecida na cidade de Sobradinho como Jardim 01, mas em 20 de abril de 2009, através da Portaria N° 149 de 22/04/09 foi alterada sua nomenclatura para Centro de Educação Infantil 01 de Sobradinho, sendo esta usada a partir dessa data.

A escola atende às famílias da Vila do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), uma invasão que existe desde 1960, em Sobradinho. De início era um assentamento com poucas casas com a finalidade de abrigar os motoristas do DNOCS. Com a transferência desse órgão para o Nordeste, muitos funcionários acompanharam a mesma, outros ficaram. Como a fiscalização na época não deu conta de inibir invasões, a área passou a ser povoada indiscriminadamente, apresentando problemas de infraestrutura, tráfico de drogas e violência. É uma população carente e vulnerável.

Atende também às famílias de Condomínios do entorno de Sobradinho e do centro da cidade. Portanto nossa clientela são crianças carentes, como também uma grande parcela de crianças que vem de famílias de poder aquisitivo satisfatório.

1.3.1 Organização administrativa

O Centro de Educação Infantil 01 de Sobradinho dispõe em sua estrutura física de um prédio contendo 6 salas de aula equipadas com casinha de bonecas com móveis e utensílios; jogos pedagógicos e brinquedos variados; 1 sala de coordenação pedagógica; 3 banheiros infantis sendo um adaptado para o uso de crianças com necessidades especiais; 1 cantina; 4 depósitos (de material escolar, material de limpeza, de merenda e materiais de reparo); 1 pátio coberto; 1 pátio coberto - pintado "Reino dos brinquedos" com jogos pedagógicos, amarelinha, caracol, pista, casinha com fantoches, túnel e outros para recreação e atividades de psicomotricidade; 1 sala para secretaria e SOE; 1 sala para direção; 1 sala de recurso; 1 sala para Laboratório de Informática Educativa; 1 parque; 2 piscinas pequenas; área verde com árvores; 1 estacionamento interno.

1.3.2 Quadro de funcionários

O quadro de funcionários é composto por:

01	Diretora	01	Pedagoga Itinerante
01	Vice- diretora	01	Psicóloga Itinerante
01	Supervisora Administrativa	01	Monitora
01	Secretária	04	Monitoras do Programa Educador Social
14	Professoras regentes	01	Professora de Informática (readaptada)
01	Coordenadora Pedagógica	01	Professora apoio para a coordenação e direção (readaptada)
01	Professora de Sala de Recursos	02	Merendeiras
01	Orientadora Educacional	04	Vigias
04	Servidoras readaptadas - porteiras	08	Servidores terceirizados para limpeza e conservação da escola

Neste ano de 2015, o CEI 01 de Sobradinho atende 13 turmas de Educação Infantil totalizando 235 alunos matriculados nos turnos Matutino e Vespertino. Estão divididas em 5 turmas de 1º período e 8 turmas de 2º período. Dessas, 03 são turmas Comuns Inclusivas; 02 de Integração Inversa, sendo uma dessas com bidocência, tendo uma professora especializada em acompanhar o aluno especial auxiliando a professora regente da turma no apoio pedagógico à criança.

Funcionam no turno vespertino, duas classes Pré Inclusivas – CPI, Uma de 1º período e outra de 2º período, autorizadas a atender duas crianças especiais por turma.

A equipe gestora atua desde 2013. Foi eleita democraticamente pela comunidade escolar e busca realizar um trabalho pautado nos pilares democráticos, onde valoriza o diálogo e o respeito às opiniões de cada segmento, sempre primando por um espaço harmonioso e humanizado.

O SOE da escola que é constituído por uma Orientadora Educacional, uma Pedagoga e Psicóloga itinerantes. A equipe realiza um trabalho de qualidade no ambiente escolar. Identifica possíveis entraves que venham a interferir na rotina pedagógica das crianças. Atende encaminhamentos dos professores. Faz triagem e avaliação dos alunos e acompanha o progresso nos atendimentos dos casos atendidos.

A sala de recursos oferece atendimento individualizado aos alunos com necessidades educacionais especiais, além de auxiliar outras crianças que apresentam dificuldades no seu desenvolvimento.

Para auxiliar as professoras que atendem as crianças especiais, a escola conta com uma monitora de Educação Especial, aprovada no último concurso para o cargo, que auxilia as crianças em suas atividades diárias e específicas em sala de aula e em outros ambientes da escola, conforme a necessidade. Há também 04 monitoras do Projeto Educador Social Voluntário.

Na sala de Informática é realizado um projeto educativo somente para os alunos do 2º período, com o objetivo de aproximar a tecnologia do “Currículo da Educação Infantil” articulando-o à Proposta Pedagógica, bem como desenvolver atividades específicas com softwares de programas lúdicos e didáticos adequados ao planejamento coletivo.

A organização do trabalho pedagógico na escola é estruturada de acordo com

a carga horária das professoras que atuam 40h semanais na jornada ampliada, das quais 25h em regência de classe e 15h em coordenação pedagógica. O período destinado à coordenação é utilizado para o planejamento coletivo onde se dá a troca de experiências, pesquisa, estudos, avaliação, debates, confecção de materiais, formação pedagógica que pode ser na própria escola, na Gerência Regional De Educação Básica (GREB) ou na Escola De Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação (EAPE), e também utilizado para a coordenação individual que pode acontecer em outro espaço diferente do da escola. A coordenadora participa dos momentos de coordenações, articula a teoria à prática, incentiva a pesquisa, instiga reflexões.

Diferentemente dos anos anteriores, que a escola contava com 2 coordenadoras, este ano a escola conta apenas com uma, devido a portaria de Distribuição de Carga Horária que estabeleceu que mesmo sendo escolhidos para o cargo, os coordenadores não seriam liberados das funções até o fim do 1º bimestre. Depois de assumir as turmas, os professores da escola não quiseram sair de sala de aula. O trabalho pedagógico fica prejudicado, mas o corpo docente auxilia muito em todo o processo de planejamento e avaliação.

O planejamento se dá nos três dias destinados ao mesmo, coletivamente, de maneira que as professoras de um turno possam complementar as ideias das professoras do outro turno. A coordenadora fica responsável de fazer essa ponte, compartilha informações pertinentes e complementa quando necessário o planejamento.

O CEI 01 implementa o planejamento pedagógico coletivo, com a participação dos professores, coordenadora, orientadora educacional, pedagoga institucional, professora da Sala de Recursos, professora da Sala de Informática e com a participação da direção.

Em cada ano letivo, cria-se um projeto norteador, com um tema específico para ser trabalhado. Parte-se da preocupação em oferecer uma educação que seja prazerosa e de qualidade. Durante a semana pedagógica, os professores dão ideias e trazem sugestões para serem apreciadas. Todo o grupo de professores e equipe gestora participa da escolha. São temas da vivência das crianças, que são contextualizados baseados no Currículo da Educação Infantil da SEDF. O ano já se inicia com uma perspectiva de busca de ideias e um planejamento cuidadoso para

aliar o tema escolhido aos eixos do trabalho na Educação Infantil, que são: Educar e cuidar; Brincar interagir.

Bosque Encantado, Sítio o Pica pau Amarelo, Contos de Fadas, Fantástica Fábrica de Brinquedos, Aprendendo com o Menino Maluquinho, foram temas trabalhados anteriormente. O tema escolhido para o ano de 2015 foi “Parque de diversões”. A partir desse projeto, inteiramente construído com a participação dos educadores, os componentes curriculares constantes no Currículo, são apresentados às crianças de forma lúdica e criativa.

O espaço da Coordenação Pedagógica é utilizado para elaboração dos planejamentos semanais, configurando-se também como espaço de formação e avaliação das práticas pedagógicas da escola.

1.4 Procedimentos de coleta de dados

Dentre as diversas técnicas e instrumentos para a coleta de dados no estudo de caso, foram utilizados o questionário e a entrevista semiestruturada a fim de obter informações, levantar dados importantes e compreender o problema de pesquisa e suas implicações, sendo usados como base para as análises.

Os instrumentos de pesquisa são de suma importância para o alcance dos objetivos. É através deles que conseguimos coletar os dados necessários para nossa investigação. Para esta pesquisa utilizou-se dos instrumentos de coleta de dados: a entrevista semiestruturada e o questionário. Ambos estão relacionados com a pesquisa de estudo de caso e contribuem de forma legítima na aquisição de informações sobre o coordenador pedagógico, o planejamento coletivo e suas possibilidades para uma formação continuada in lócus.

Segundo Yin (2001, p. 112), uma das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso são as entrevistas.

Através da entrevista semiestruturada o pesquisador busca obter informações contidas nas falas de seus sujeitos e pode delimitar o volume das informações, obtendo um direcionamento maior para o tema proposto a fim de que os objetivos sejam alcançados. Foi entrevistada a coordenadora de um Centro de Educação Infantil. As informações foram obtidas através de um roteiro de questões fechadas e abertas possibilitando ao sujeito discorrer sobre o assunto proposto. Foi realizado em encontro individual, na escola, em local calmo e longe de interrupções. Toda a

entrevista foi gravada com a concessão da participante para análises posteriores.

O questionário é de grande importância para a realização de uma pesquisa. Pode ser aplicado rapidamente e é de fácil utilização. As perguntas fechadas possibilitam um melhor conhecimento do sujeito pesquisado. As questões abertas proporcionam mais liberdade para que o sujeito da pesquisa escreva o que quiser em relação à temática apresentada. Sendo assim, o questionário continha questões abertas e fechadas e foi disponibilizado e respondido na ausência da pesquisadora para três professoras, sendo duas do 2º período da Educação Infantil, e uma do 1º período.

Em síntese, a presente investigação teve como estratégia o estudo de caso, por acontecer num ambiente natural (escola), com quantidade de sujeitos de pesquisa reduzido (1 coordenadora e 3 professoras da Educação Infantil). Para a coleta de dados foram utilizados questionários e entrevista para tentar esclarecer o problema da pesquisa, bem como elucidar os objetivos propostos.

1.5 Sujeitos da pesquisa

Considerando o objetivo desta pesquisa e a importância da escolha dos sujeitos que vão compor o universo da investigação. Foram selecionados como participantes da pesquisa, a coordenadora da escola, pois participa do processo de planejamento coletivo que acontece na coordenação pedagógica podendo oferecer informações pertinentes e contribuindo assim com o êxito deste trabalho e três professoras regentes da escola pesquisada, duas efetivas e uma professora de contrato temporário. A escolha foi proposital, pois dentre elas existe uma diferença de experiência na área da Educação Infantil e tempo de atuação no lócus da pesquisa, o que favoreceu as análises.

Apesar dos interlocutores permitirem o uso de seus nomes, foi usado para identificar as professoras participantes da pesquisa os códigos da letra P, para professor, seguida de um número cardinal, assim: P1, P2 e P3; e as letras CP para a coordenadora pedagógica.

A pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2015. Os questionários foram respondidos via e-mail, pois na época da coleta os professores da rede estavam em greve, o que tornou a entrega dos instrumentos complicada. As professoras dispuseram-se a responder às questões e enviar para a pesquisadora e assim

possibilitar a continuidade da pesquisa.

1.6 Perfil dos sujeitos

Os sujeitos dessa pesquisa foram três professoras da Educação Infantil e uma coordenadora pedagógica. Todas do sexo feminino, uma característica ainda muito presente nessa etapa, com idade entre 25 e 42 anos. São 3 pertencentes ao quadro efetivo da SEEDF e 1 em contrato temporário.

1.7 Formação Acadêmica

Os profissionais pesquisados possuem nível superior completo e especializações na área da educação:

P1	Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia
P2	Pedagogia com Especialização em Orientação Educacional e Psicopedagogia
P3	Pedagogia com Especialização em Orientação Educacional
CP	Artes Cênicas - Especialista em Gestão Educacional

Observa-se que todas possuem cursos de especialização na área da educação demonstrando ter consciência da importância de uma formação constante dentro da profissão.

1.8 Tempo de SEEDF e atuação na educação infantil

CP e P1 possuem uma larga experiência na SEEDF, com 20 e 21 anos de profissão enquanto as demais professoras são novatas na rede com 2 e 3 anos. Identifica-se que a experiência na Educação Infantil é vasta por parte só de uma professora, P1, que informa 15 anos de atuação, enquanto as demais relatam entre 2 e 5 anos de experiência na etapa.

PARA COMEÇO DE COSTURA

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. (*Fernando Pessoa*)

Realizar a tessitura nem sempre é fácil, acomodar-se nas velhas tramas, costurar da mesma forma parece mais viável. Livrar-se dos moldes prontos buscando novas formas e combinações inovadoras assustam. Se tornar criador de moldes novos nunca antes usados parece desafiador demais. Assim é na vida como também na formação profissional, uma constante busca de aprimoramento e ousadia. Dar continuidade à formação após a formação inicial é uma necessidade para a atualização de qualquer profissão e, no âmbito educacional, isso não é diferente. Sendo assim, a formação do educador precisa estar em constante movimento como um tear em pleno funcionamento, precisa ser contínua, reflexiva, na perspectiva de uma educação emancipatória.

Vários autores tem abordado a questão da formação continuada dos professores tendo em vista a grande importância da temática na atualidade e a urgência de melhorias e mudanças na prática pedagógica. De acordo com Porto (2000), a formação do professor é um processo que não se finaliza com a formação inicial impõe-se como indispensável, a formação continuada.

É importante destacar que se entende formação continuada como um processo complexo e multideterminado, que ganha materialidade em múltiplos espaços/atividades, não se restringindo a cursos e /ou treinamentos, e que favorece a apropriação de conhecimentos, estimula a busca de outros saberes e introduz uma fecunda inquietação contínua com o já conhecido, motivando viver a docência em toda sua imponderabilidade, surpresa, criação e dialética com o novo. (PLACCO E SILVA, 2003. p. 26).

A inquietação citada permite sonhar com algo novo, impulsiona o sonho que mesmo sendo longe do real já possibilitou o desejo, e com isso fomenta mudanças.

Na educação atual é urgente a mudança, o entendimento de que a formação necessita ser contínua e reflexiva e pode estar inserida e contextualizada na dinâmica do âmbito escolar favorecendo o crescimento pessoal e institucional. A

escola pode se tornar um lócus privilegiado para a qualificação profissional quando a formação for vivenciada como processo permanente e integrado no cotidiano da instituição, quando é instalado no corpo docente uma capacidade de reflexão sobre a ação.

[...] não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim por meio do trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e da (re) construção permanente de uma identidade pessoal (NÓVOA, 1992, p. 25 apud SILVA, FERNANDES, p.6).

Instalar no corpo docente essa capacidade de reflexão vai demandar tempo e organização de um espaço propício. O coordenador com todos os envolvidos no processo educacional podem tornar a coordenação pedagógica um ótimo espaço para o exercício da práxis. “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa como agente e a escola como lugar de crescimento profissional permanente.” (NÓVOA, 1995).

Nessa perspectiva, a escola, se torna espaço de emancipação quando os professores entendem que refletir sobre suas ações possibilita a melhoria do ensino e é um dos caminhos imprescindíveis para se conquistar uma educação de qualidade. A formação continuada centrada no ambiente das escolas é uma prática defendida por Nóvoa (1995). Ele destaca a necessidade de passar a formação de professores para “dentro” da profissão, tomando como base as situações que vivenciam em seus contextos escolares. Afirma que isso só será possível se a escola conseguir reforçar as lógicas de partilha e de cooperação.

Em se tratando de formar dentro da profissão, fica evidente a importância do professor e coordenador ter um conhecimento teórico sobre a educação pretendida pela escola, sobre a etapa que atua, para então poder buscar uma formação adequada e capaz de impulsionar o alcance dos objetivos traçados.

2.1 Educação infantil: entendendo a história para o preparo da tecelagem

A Educação infantil é reconhecida pela Constituição Federal de 1988 e compreende a primeira etapa da Educação básica, segundo os artigos 29 e 30 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). A partir da Constituição, a Educação Infantil deixa de ter o caráter de assistencialismo e ganha visibilidade educacional. Sabe-se que a

Educação Infantil é uma etapa muito importante no processo educativo tendo uma trajetória no Brasil de mais de cem anos. Há pouco tempo, esse ensino era tido como de menor importância. Seu crescimento alcançou maior significação nas últimas décadas, quando foi instituída a Lei Federal nº12.796/2013, que altera a LDB 9394/1996 e determina que a educação obrigatória e gratuita atenda as crianças e adolescentes de 4 a 17 anos.

Conforme o artigo 29 da LDB, a Educação Infantil tem como finalidade “O desenvolvimento integral da criança até 05 anos em seus aspectos físico psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade”. Conforme o artigo 8º das DCNEIs, o objetivo principal da etapa é impulsionar o desenvolvimento integral das crianças ao garantir a cada uma delas o acesso à construção de conhecimentos e à aprendizagem de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, a liberdade, ao respeito, a dignidade, a brincadeira, a convivência e à interação com seus pares etários, com crianças de diferentes faixas etárias e com os adultos.

É importante reconhecer que essa etapa é alicerce primordial para as futuras aprendizagens e que é necessária a formação do educador para garantir que as crianças se desenvolvam em suas capacidades globais, faz com que a preocupação em oferecer uma educação de qualidade visando atender todas as especificidades da criança seja o foco de muitas reflexões.

A cada dia são mais recorrentes estudos e políticas educacionais que apontam a importância do aperfeiçoamento contínuo dos profissionais da área da educação e a Educação Infantil está incluída nessa premissa. Esta etapa ficou muito tempo como uma modalidade que tinha como objetivo a tarefa de somente “cuidar” e acolher a criança em um espaço seguro, cumprindo uma função assistencialista que pouco dava importância a uma função primordial que é a pedagógica. O que antes era feito sem intencionalidade pedagógica, hoje se baseia numa formação integral da criança e, conseqüentemente, modificando as práticas e exigindo dos profissionais uma nova postura a fim de atender às novas exigências legais vigentes.

O educar na Educação Infantil exige uma formação ampla que se dá através da graduação, cursos, seminários. A formação que contempla melhor essa especificidade é a contínua no lócus da ação educativa, e que seja construída no

cotidiano escolar. A formação continuada no local onde os professores desenvolvem o seu trabalho docente torna-se mais significativo, visto que, o processo de reflexão se dará sobre problemas vivenciados no cotidiano.

Dessa forma, para que a ação educativa cumpra seus objetivos é necessário que a escola se organize com um trabalho sistematizado e contextualizado e um instrumento essencial para ajudar nessa organização é o planejamento.

2.2 Planejamento: costurando noções importantes

O ato de planejar está presente em todas as ações humanas e faz parte da história do homem. Planejar significa tomar decisões e estas a todo o momento estão presentes na nossa vida cotidiana. Tudo que fazemos exige planejamento, desde o que se vai fazer para almoço até a escolha da carreira profissional. As instituições educativas não fogem à regra. Planejando organizamos o pensamento, refletimos, buscamos alternativas e vislumbramos com os resultados.

A definição do dicionário Aurélio para planejamento: “O planejamento é o trabalho de preparação para a tomada de decisão, segundo roteiros e métodos determinados”. Planejar é transformar a realidade numa direção escolhida, organizar a própria ação.

O planejamento envolve nosso cotidiano, porém nem toda atividade do dia a dia requer um planejamento criterioso, intencional. No campo educacional um planejamento intencional é imprescindível e se torna um importante instrumento que deve ser realizado de forma consciente, reflexiva e coletiva.

Toda e qualquer ação feita no improviso pode ocasionar erros e pouca qualidade. A educação exige critérios para o alcance de objetivos propostos, portanto, deve ser pensada, direcionada e planejada.

Todo planejamento nasce de um desejo, de uma vontade, de uma possibilidade ou necessidade. A ação pedagógica também perpassa o desejo de criar e inovar. Segundo Madalena Freire, (1997, p.58), o planejamento:

[...] é um processo ininterrupto, processual, organizado da conquista prazerosa dos nossos desejos onde o esforço, a perseverança, a disciplina são armas de luta cotidiana para a mudança pedagógica.

A conquista prazerosa citada por Madalena Freire, concretiza-se no fazer intencional, e o planejamento na Educação Infantil precisa estar pautado em intenções claras e comprometidas a fim de proporcionar condições para que os alunos construam seus conhecimentos e cultivem o prazer de aprender.

2.3 Planejamento na educação infantil: selecionando o fio para tecer

Como já foi dito anteriormente, a partir da Lei nº 9394, promulgada em dezembro de 1996, foi estabelecido de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de 0 a 5 anos e a educação. Para garantir que esse atendimento promova de fato o desenvolvimento integral da criança, é essencial que o professor e o coordenador que atuam nessa fase estejam envolvidos no processo de ensino aprendizagem considerando o planejamento como fio condutor importante para a formação continuada e para a melhoria da prática pedagógica.

Para Gandin (2007), a experiência não vem de se ter vivido muito, mas de se ter refletido intensamente sobre o que se fez e sobre as coisas que aconteceram. Uma parte importante do trabalho do professor é a tomada de decisões sobre o que se vai propor às crianças, ou seja, o planejamento. “Para mediar as aprendizagens, promotoras do desenvolvimento infantil, é preciso tencionar uma ação educativa devidamente planejada, efetiva e avaliada.” (Currículo em movimento da Educação Infantil SEDF).

Sabemos que para oferecer uma prática pedagógica de qualidade na Educação Infantil é necessário que estejam sempre presentes na ação do professor a reflexão e o planejamento possibilitando organizar as ações, pensamentos, traçar caminhos para alcançar os objetivos propostos da etapa. Diferente do que muitos pensam, o planejar para a Educação Infantil não é uma tarefa muito fácil, pois o mesmo deve ser voltado para a ludicidade, atividades prazerosas e contextualizadas alicerçadas pelo currículo da etapa favorecendo o desenvolvimento integral da criança.

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso, não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador pensar, revisando, buscando novos significados para a sua prática docente (OSTETTO, 2000, p.177).

Os saberes dos profissionais que atuam nessa etapa devem estar direcionados para um trabalho pedagógico que considere e valorize as diferentes linguagens utilizadas pela criança na sua expressão e comunicação com o meio em que está inserida.

O planejamento pedagógico na Educação Infantil precisa ser discutido e articulado aos sujeitos que estão inseridos nestes ambientes coletivos de educação, assim é imprescindível trazer para a sala de aula, através dos planejamentos, as manifestações que as crianças expressam no seu dia-a-dia, a partir de seus balbucios, choros, falas, gestos, desejos, hipóteses e conhecimentos prévios, estes são de suma relevância para um trabalho que respeite as culturas infantis. (AHMAD, 2011)

Um instrumento muito importante, que deve estar nas mesas de coordenação, é o Currículo da Educação Infantil, pois amparado por esse documento norteador, os professores podem repensar a prática e buscar soluções para o planejamento e poder mais e mais resignificar suas práticas.

2.4 Planejamento coletivo: na tessitura, várias texturas

Na Educação Infantil as ações devem ser bem pensadas para contribuir no processo de desenvolvimento infantil. É importante destacar que o planejamento coletivo ordena, dinamiza e facilita a ação educativa.

O planejamento coletivo é aquele que é feito por um grupo de pessoas com um objetivo em comum, fins e propósitos, onde todos participam da elaboração e formação de propostas, tomada de decisões e execução das mesmas. Quando a escola trabalha coletivamente, todos se tornam responsáveis por atingir os objetivos traçados no planejamento. “A proposta de formação centrada na escola, quando há um investimento no coletivo escolar, valoriza os saberes e experiências dos educadores e propõe a reflexão sobre a prática estabelecendo um diálogo entre ela e o conhecimento pedagógico existente”. (DOMINGUES,2014, p.116)

Nóvoa (1995) expõe em seus escritos que a competência coletiva é muito maior que a individual, a coletiva não é apenas a soma das individuais. Na escola, encontram-se pessoas muito competentes que não se articulam enquanto coletivo, usando suas competências individualmente. Quando se pensa em trabalho coletivo, as competências devem se fundir em prol de um objetivo, devem ser compartilhadas e isso só acontece quando é instalado um movimento coletivo e é na coordenação

pedagógica que esse movimento ganha força.

Na Secretaria de Educação do DF, a coordenação pedagógica é um espaço institucionalizado decorrente da ampliação da jornada de aula para o aluno, com a implementação do projeto da Escola Candanga, quando os professores passaram a assumir uma única turma em um turno, compondo 25 horas de regência, ficando o outro período de 15 horas semanais destinadas para reuniões pedagógicas e administrativas, reforço para aluno, conselho de classe, planejamento, encontro de professores dentre outras atividades, podendo se tornar um ótimo espaço de reflexão e formação.

O espaço e o tempo de coordenação pedagógica são muito importantes para a constituição do coletivo e, conseqüentemente, para a organização do trabalho pedagógico da escola e dos professores, pois possibilitam uma construção coletiva de um projeto político pedagógico, em contraposição a um trabalho fragmentado, individualizado, descontextualizado e que reproduza a exclusão social de professores, por meio da desvalorização profissional, e a dos alunos pelos índices de retenção, nos anos iniciais, e pela evasão escolar. (FERNANDES, 2010)

O planejamento coletivo ainda é um dos melhores procedimentos dentro de uma unidade de ensino, pois possibilita ao grupo refletir os problemas e propor alternativas para a melhoria na educação, no entanto, o que o sustenta é a forma como os professores e demais envolvidos concebem a educação e suas posturas frente ao trabalho pedagógico. Questões de concepções de educação, gestão e até mesmo questões individuais geram adesão ou resistências.

Trabalhar coletivamente é, então, algo a ser conquistado a médio e a longo prazos, que exige disponibilidade de cada uma das pessoas envolvidas no processo. Exige mais: querer crescer, mudar, transformar, querer participar do processo de criação de uma nova escola, de uma nova sociedade. (FUSARI, 1993)

A construção de um coletivo na escola não acontece facilmente. Sua constituição pode ser difícil, mas não é impossível. A efetivação do espaço de coordenação resulta em um longo processo e perpassa diversas dificuldades. Não se dá por decreto, é constituído no processo.

Nóvoa (1995) alerta que a busca isolada pela formação e atualização é difícil, portanto, cada vez mais é primordial que o trabalho coletivo seja valorizado e incorporado nas escolas.

Infelizmente a prática do planejar coletivamente não é uma realidade em

muitas escolas e nem uma prática comum nas salas de coordenação. Os fatores que tornam o planejamento coletivo cansativo são muitos. Isso resulta em um trabalho burocrático, utópico ou até inexistente.

Sabe-se que a sociedade valoriza e reforça o individualismo, conseqüentemente, o trabalho coletivo é desarticulado e fragmentado. Nas escolas faltam professores. A mobilidade de professores também é um grande impasse. A falta de liderança e iniciativa dos envolvidos, o posicionamento individual e muitos outros entraves que não foram mencionados, dificultam muito o trabalho dentro da escola. O coordenador, como pertencente do grupo, tem papel primordial no movimento de construção do coletivo. Ele pode encontrar bastante dificuldade em entrelaçar o tempo e espaço da coordenação com a formação e o planejamento coletivo. Nesse entremeio, pode surgir um emaranhado de fios, muitos com nós bem atados, dificultando o aproveitamento do tempo disponível nas coordenações que tem objetivos claros, bastando serem cumpridos com responsabilidade.

2.5 O coordenador pedagógico como tecelão: entremeando a formação

A Educação Infantil passou a conquistar mais espaço de atuação para vários profissionais da Educação dentre esses o Coordenador Pedagógico, o qual exerce função importante na articulação junto com os professores e demais profissionais que atuam nessa etapa para o desenvolvimento com qualidade nos projetos e planejamentos pedagógicos.

Para AHMAD (2011), é de suma relevância uma atuação ativa e permanente da Coordenação Pedagógica buscando problematizar e discutir a partir das situações vivenciadas no cotidiano, elementos que podem vir a qualificar o exercício na Educação Infantil.

Nessa perspectiva, o papel do coordenador tendo contato direto com os docentes, é essencial. Sua atuação como instigador, desafiador e promotor de um movimento coletivo faz muita diferença no cotidiano escolar.

Lima e Santos (2007) citam as principais atribuições do coordenador segundo Piletti:

- a) Acompanhar o professor em suas atividades de planejamento, docência e avaliação;

- b) Fornecer subsídios que permitam aos professores atualizarem-se e aperfeiçoarem-se constantemente em relação ao exercício profissional;
- c) Promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar sempre mais o processo educativo;
- d) Estimular os professores a desenvolverem com entusiasmo suas atividades, procurando auxiliá-los na prevenção e na solução dos problemas que aparecem. (PILETTI 1998, p. 125 *apud* LIMA E SANTOS 2007, p.79)

Nesse pressuposto, a atuação do coordenador é inteiramente pedagógica, e isso facilitará nas ações pertinentes à formação e ao planejamento.

O entendimento do verdadeiro papel do coordenador dentro das escolas e o desvio de funções faz com que o trabalho se perca e o movimento coletivo não aconteça. É fato que para conseguir esse espaço e garantir a efetiva participação do coordenador leva tempo, e exige um trabalho incansável e bem articulado com toda a equipe docente.

O constante emaranhado de funções apresentadas para o coordenador nas escolas faz com que os fios vão se “engarranchando” tornando o trabalho desgastante e muitas vezes inútil.

Retornando à citação que originou o tema dessa pesquisa:

A formação de educadores terá de ser pensada priorizando-se a formação do hábito de busca e de reflexão. E isto é uma arte, assemelhada a maneira de tecer de um tecelão, requerendo não só habilidade, mas a visão estética e coerente do que se faz. (LIMA E SANTOS, 2007, p.85)

O coordenador pedagógico como bem citado acima se assemelha a um tecelão, que com arte entrelaça e entremeia os fios, movimentando a agulha por caminhos diversos, observa e acompanha a produção dos tecidos, procura sanar as falhas na confecção, corta e risca novos moldes, mede e ajusta. Podemos então pensar que o planejamento é um dos fios; as agulhas, a formação continuada; o tear representa o ambiente escolar; e o produto final, a prática educativa. Quando a produção vai bem, tudo se encaixa; mas quando no momento de tecer algo sai da linha, o que fazer? Tecer de qualquer jeito? Deixar os pontos afrouxados? Parar a produção no meio do caminho? Apesar de saber que infelizmente muitas escolas ainda não conseguiram encontrar e manter esse olhar um tanto poético do coordenador, acreditamos que na escola é possível tecer com qualidade, mesclar

linhas, criar e redesenhar novas tramas. E mesmo quando o tear não vai bem, faz-se necessário lançar sempre novas linhas e se aventurar por novas maneiras de tecer. Sendo assim, como um tecelão, o coordenador contribui de maneira significativa em busca de um acabamento firme e perfeito, sem perder seu jeito particular de tecer, tornando o trabalho pedagógico que nem sempre é fácil de alinhar, nem sempre é consistente.

Na busca de uma consistência do trabalho pedagógico, a escola pesquisada elabora um trabalho conjunto, onde já no início do ano, são traçadas metas, ações e projetos a serem desenvolvidos.

O planejamento é coletivo e funciona de uma forma dinâmica e criativa. São nas coordenações e com a participação do coordenador entremeando o trabalho, que nascem novas ideias, são criados novos projetos, sempre contemplando as especificidades da etapa, e assim vai se constituindo um tecido forte, uma educação de qualidade.

O trabalho pedagógico da escola é realizado coletivamente, tornando-se um diferencial positivo para o desenvolvimento do projeto norteador escolhido para o ano e para uma formação continuada. Não é separado planejamento por períodos, o planejamento feito é realizado por todas as turmas, 1º e 2º períodos, somente diferenciando atividades específicas para cada idade.

As coordenações contam com a presença da direção, uma vez por semana também participam a professora da sala de recurso, informática, orientadora e pedagoga, bem como todo o grupo de professoras, no horário contrário de regência. Os momentos são aproveitados para o planejamento pedagógico, onde o coordenador lidera o trabalho, instigando a participação de todos na construção do planejamento diário, como também para confecção de materiais, reflexões e troca de experiências. Para consistência e êxito do trabalho, a escola reconhece que deve privilegiar a ludicidade e a fantasia presentes diariamente nas atividades planejadas. Busca-se alcançar aprendizagens significativas tão necessárias na formação futura das crianças.

OBSERVANDO O MOVIMENTO DO TEAR

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.” (Paulo Freire, 2004)

Cientes de que a análise e a interpretação dos dados são de relevância para a obtenção de reflexões primordiais na sinalização de respostas para as questões elencadas durante a pesquisa, e de posse de todas as informações obtidas nos questionários e entrevista aplicados, procedeu-se a análise a seguir.

Segundo Luke (1986):

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. (p. 45)

Após uma leitura cuidadosa das respostas coletadas, analisamos as questões objetivas e em seguida as questões discursivas preservando o conteúdo das respostas.

3.1 Análises das questões objetivas

Analisaremos inicialmente as questões objetivas, que são as mesmas no questionário e na entrevista aplicada.

Ao serem questionadas quanto ao planejamento, as interlocutoras responderam que na escola é realizado um planejamento coletivo, e que todo o corpo docente, junto com o apoio do coordenador, é responsável pela sua efetivação.

Percebe-se então que o grupo trabalha em conjunto com o coordenador, demonstrando que todos são responsáveis pela ação educativa.

Um destaque importante para a fala da coordenadora quando menciona que:

“Todas nós trabalhamos juntas, porém, no papel de coordenadora, sinto que a minha postura influencia no comprometimento de todos.”

Para Gandin (1993), a figura do coordenador é essencial para direcionar,

reunir, incentivar, organizar propostas e questionar o pensamento do grupo. Nesse sentido, a participação de todos é fundamental, mas o coordenador realmente influencia com seus atos e pensamentos.

Domingues (2014, p. 121) corrobora dizendo:

O modo de agir do coordenador na condução do projeto formativo pode despertar maior ou menor envolvimento dos participantes. Se o coordenador colocar-se apenas como controlador e não como articulador, tenderá a criar um clima desfavorável ao debate e à reflexão [...].

Com relação à participação dos mesmos no processo de planejamento tendo voz e vez na sua construção, todas as interlocutoras se consideraram participantes ativas do mesmo.

Pelo que se pode notar, todas se sentem parte integrante no fazer e buscar nos momentos de planejamento. Entendemos que a participação de cada um deva ser com comprometimento e profissionalismo. O espaço estando aberto, a participação tem a ver com o querer de cada um. Podemos evidenciar bem na fala da Coordenadora quando diz:

“Buscamos o envolvimento de todos, porém sempre há colegas que participam mais ou menos. Como educadores, compreendemos que esta participação se dá pela construção de sujeito que cada um tem, o que é extremamente subjetivo, a diversidade é intrínseca do ser humano e também é uma de nossas funções aprender a conviver e ensinar a conviver.”

No tópico referente à crença de que o momento do planejamento possa ser propício para reflexão, estudos, debates, construção de saberes favorecendo a formação continuada, as respostas positivas foram unânimes, demonstrando claramente que o espaço da coordenação na escola, é otimizado favorecendo a melhoria da prática.

3.2 Análise das questões discursivas

O planejamento pedagógico na Educação Infantil aponta grandes possibilidades de ser um fio condutor de formação continuada na escola pesquisada, considerando as falas das interlocutoras:

P1 – “Sim. Durante os planejamentos há uma troca de experiências, onde todos compartilham suas vivências, atividades desenvolvidas. Aprendemos umas com as outras, aprendemos e melhoramos a nossa atuação em sala de aula.”

P2 – “Sim, sem dúvidas! A formação continuada é um processo que ocorre formal e informalmente. A partir do momento em que ocorre uma ação educativa, por mais simples que seja a aprendizagem acontece. Lembrando que, o professor é um eterno aluno e, a esse cabe estar sempre atento às práticas de outros profissionais experientes, experiências essas que deram certo e que valem a pena ser copiadas, repensadas e aperfeiçoadas. O momento de coordenação é peça chave para quem acredita que não é tão sábio que não possa aprender, e nem tão inábil que não possa ensinar. ”

P3 – “Sim. Porque nos momentos de planejamento fazemos pesquisas, trocamos ideias e aprendemos muito nesse processo. ”

CP – “Não só um fio condutor como o espaço real desta formação. No momento em que levantamos anseios, dúvidas de como agir ou como construir este ou aquele saber, mapeamos assuntos que devem ser pesquisados e trazidos para o debate. ”

Como vimos, as falas apontam a veracidade da afirmação, pois fica evidente a possibilidade do planejamento favorecer a formação continuada e ser espaço real de formação por meio da troca de experiências, pesquisas e nos acontecimentos do cotidiano.

Nesse sentido, Canário corrobora com a ideia quando cita:

A escola é habitualmente pensada como o sítio onde os alunos aprendem e os professores ensinam. Trata-se, contudo, de uma ideia simplista, não apenas os professores aprendem como aprendem, aliás, aquilo que é verdadeiramente essencial: aprendem a sua profissão (grifos do autor). (CANÁRIO, 1997. p.1 *apud* DOMINGUES, 2014. p. 65)

Ao mesmo tempo em que os professores participam de um planejamento coletivo, aprendem entre si, aprendem como atuar em sala e vão enriquecendo o seu fazer refletindo e se formando sempre.

Na questão que remete a recordação sobre assuntos que surgiram durante os planejamentos tornarem-se temas de formação continuada, foram elencados:

*P1 – “O Tema **Sexualidade** foi discutido durante os planejamentos coletivos, pois em algumas salas de aula o assunto estava em evidência...”*

*P2 – “... em vários momentos da formulação do planejamento coletivo, na coordenação pedagógica, por várias vezes expomos nossas demandas e a necessidade de aprender novas estratégias de trabalhar o corpo, a **psicomotricidade e o lúdico na educação infantil**. Assim, tivemos a oportunidade de convidar uma orientadora educacional de outra escola, reconhecida por suas práticas efetivas nas escolas por onde passou, para compartilhar seus conhecimentos sobre o assunto para o nosso grupo. Assim,*

compactamos o horário neste dia (momento previsto no calendário escolar) e fizemos um estudo coletivo bastante motivador. ”

P3 – “Psicomotricidade”

*CP – “Sim. Este ano falamos muito em como enxergar o trabalho efetivo da **Psicomotricidade na Educação Infantil**. Este debate gerou o convite para uma colega mais experiente da Regional de Ensino, para que compartilhasse seus saberes e colaborasse com nossos planejamentos. Tivemos uma proveitosa tarde de debates”*

Refletindo sobre os aspectos relatados nas falas acima, vimos que temas como Sexualidade e Psicomotricidade foram elencados durante os planejamentos, ora como problemática, ora como potencializadores do fazer pedagógico. Esta percepção da necessidade de trabalhar com esses temas se deram por meio de um momento de reflexão, e foi durante o planejamento coletivo que emergiram as propostas de aprofundamento teórico e prático, resultando em momentos ricos de aprendizagem, como relatam as entrevistadas.

Quanto à formação que acontece na escola, Domingues (2014, p. 14) enfatiza: “Ela favorece a troca de experiência, que representa a partilha de saberes, e promove o caminho para a produção de conhecimentos reflexivos e pertinentes à atuação dos professores”.

Com relação à experiência de trabalho anterior em escolas que não realizavam planejamento coletivo, somente P1 e P2 relataram que já vivenciaram uma dinâmica diferente da realizada na escola atual e puderam indicar as várias dificuldades encontradas com relação ao planejamento, às inquietações pessoais, às relações de poder e à falta de clareza sobre as devidas funções dos profissionais e objetivos da escola.

P1 – “Sim, não havia integração entre os professores, cada um planejava individualmente, me sentia insegura, muitas vezes perdida, já que eu tinha pouco tempo de Secretaria de Educação.”

P2 – “Sim. Quanto maior a escola mais complicada esta prática, pois a escuta sensível para com as ideias do outro dá espaço a acomodação. Às vezes, um apenas formula o planejamento para todos seguirem, ou cada um faz aquilo que considerar conveniente. Porém, acredito que quando a gestão escolar é sólida, séria e possui suas funções bem definidas e respeitadas (direção, supervisão, orientação, coordenação) os objetivos, a missão, a visão e os valores da escola são mais fortes do que as opiniões aleatórias e individuais surgidas. ”

Os depoimentos acima apresentam questões importantes, como falta de

integração, escuta sensível fragilizada, imposição, acomodação, que com certeza dificultam o processo de formação continuada e conseqüentemente afeta na qualidade da educação.

Segundo Bruno (2006), em termos teóricos, uma escola que é organizada no coletivo tem maiores chances de ser uma escola adequada aos interesses e objetivos de seus atores e em termos práticos, sabe-se que o “tal projeto coletivo” é uma conquista difícil. O entendimento do papel do coordenador bem como sua atuação dentro dessa realidade é complicado e até mesmo inalcançável no que diz respeito ao planejamento coletivo.

Nesse sentido, Clementi (2010) constata em seus estudos que:

[...] a contradição interna de certas estruturas escolares é um fator que intervém na atuação do coordenador, já que incentiva práticas isoladas, não contribuindo para a criação de uma cultura de intercâmbio – de experiências, de saberes, de teorias – entre os educadores de uma mesma escola e de escolas diferentes”. (CLEMENTI 2010, p. 62)

O lócus da pesquisa demonstra ter entendimento que diz respeito ao trabalho coletivo e longe de ser uma tarefa simples, consegue trilhar mesmo no caminho das pedras, na busca de alternativas e meios de manutenção do processo da coletividade. Ter entendimento e respeito pelas funções das pessoas que compõe o ambiente escolar esbarra na questão da gestão da escola que, alicerçada na democracia, promove as interações que facilitam o trabalho em conjunto.

A coordenadora concorda no que diz respeito às dificuldades para a manutenção do coletivo:

CP – “É notório, que também temos dificuldades, problemas de entrosamento, choque de ideias, principalmente, pela rotatividade inevitável na rede. Mas, avalio que ainda com as dificuldades e desafios, o ganho é infinitamente superior. Quem entra no grupo percebe que ali estão profissionais decididos a fazer o melhor pelos alunos e pela escola”

Diante das respostas da questão que indaga sobre como as interlocutoras concebem o planejamento na Educação Infantil, nos chamou a atenção a percepção clara dos objetivos da etapa que atuam, quando citam que se deve trabalhar o lúdico, a magia; que é importante pensar sobre a rotina e a contextualização. Os momentos de reflexão nas coordenações faz com que o grupo se aproprie das especificidades da modalidade de ensino, garantindo uma visão coerente e responsável pelo seu fazer pedagógico.

P1 – “Tem que ser dinâmico e lúdico. Temos que evidenciar a ludicidade em todos os planejamentos, porque a Educação Infantil não pode ser algo parado, estático, tem que ter movimento, magia e encantamento”.

P2 – “É fundamental... Projetos concretos com começo, meio e fim demonstram a importância da rotina e da organização espacial e mental destes, que estão na fase do reconhecimento de si no mundo. O planejamento coletivo vem para sistematizar a gama de conhecimentos e ideias trazidos pelos professores, buscando uma prática clara e objetiva”.

P3 – “Essencial para que se obtenha êxito na educação”.

CP – “Exatamente da maneira como executamos no Centro de Educação Infantil 01 de Sobradinho”.

Para garantir que o planejamento coletivo aconteça, já está instituído na escola o horário para as coordenações, que apresentam uma sistemática bem organizada, dinâmica e com ritmo intenso, como afirma as interlocutoras:

P1 – “O planejamento acontece pelo menos 3 vezes na semana. A escola tem um ritmo intenso e dinâmico. Unidos aprendemos muito mais... Há 15 anos trabalho no CEI 01 e o planejamento coletivo funciona mesmo. Quando algum professor não consegue trabalhar compartilhando suas ideias e aceitando as ideias dos outros colegas, ele sai e procura outra escola”.

P2 – “Eu leciono no período vespertino, então as professoras deste período do dia, encontram-se na sala dos professores todas as terças, quartas e quintas-feiras de modo a discutirem o que será trabalhado durante a semana que virá, ou mesmo na própria semana, já que o âmbito escolar é um meio dinâmico, que se renova a cada dia”.

CP – “Atendemos 1º e 2º período. Então, definimos por planejar coletivamente todas as nossas ações que são pautadas nos seguintes itens: cognitivo, social, emocional e lúdico. Seguimos o currículo em movimento aliado à vasta experiência das colegas que atuam há muitos anos na educação infantil. Coordenamos três dias por semana, realizando o planejamento e a confecção de todo o material a ser utilizado em sala. O grupo construiu uma postura muito condizente com as lutas por uma educação pública democrática de qualidade, tudo é feito coletivamente, igualmente e para todos. Deste comportamento nasceu a postura de cada professor controlar seu ego e pensar sempre no todo. Durante os planejamentos comentamos sobre a realização das atividades em sala, compartilhamos ideias e ações que tenham surgido da especificidade de cada turma, colaboramos com as dificuldades umas das outras.”

A prática reflexiva é constante nessa sistemática vivenciada na escola. Nesse

sentido, vale ressaltar o pensamento de Garcia citado por Porto (2000), em relação à formação/prática pedagógica reflexiva, quando destaca três atitudes fundamentais: mentalidade aberta, responsabilidade e entusiasmo para o enfrentamento lançando mão de energia e prazer no que se faz.

Nos relatos, observam-se essas atitudes bem marcantes, quando P1 enfatiza que o *“professor que não consegue compartilhar ideias sai da escola, demonstrando certo fechamento”*. A responsabilidade é sinalizada nas palavras da coordenadora quando diz que o *“grupo construiu uma postura condizente com as lutas por uma educação de qualidade”*. O entusiasmo salta aos olhos, nas linhas escritas por todas as respondentes da pesquisa.

Questionadas sobre a colaboração do coordenador da escola na elaboração do planejamento, as professoras relataram que a coordenadora colabora sim, sistematizando as ideias, expondo suas experiências, pesquisando, liderando o grupo.

Vale ressaltar a fala da P2:

P2 – “... E por ter a função de sistematizar as idealizações dos professores, dando também sua contribuição a partir de sua experiência, nem sempre é compreendido, passando a imagem de manipulador de ideias”.

De acordo com o depoimento acima, fica evidente que o trabalho do coordenador nem sempre é visto do mesmo modo por todos os professores. A dificuldade está na clareza sobre o papel do coordenador. Ele como mediador também expressa suas ideias, e pode passar uma impressão de manipulador. O trabalho coletivo, enfatizado várias vezes requer certo cuidado e, certamente irão surgir embates. O coordenador precisa estar preparado para defender seus objetivos, como um formador de opinião, mas também saber balancear todas as visões levantando debates e reflexões de forma equilibrada, tentando chegar a um posicionamento que se aproxime de um consenso.

Foi também interessante saber de que forma o coordenador articula as reflexões que surgem no momento do planejamento que sinalizam a busca pela formação. Seguem as respostas:

P1 – “Quando ele apresenta uma escuta sensível para ouvir as ideias de todos, percebendo as angústias, satisfações e desafios que precisam ser vencidos”.

P2 – “Indo atrás de práticas que deram certo em outros lugares, com outros profissionais, buscando recursos, técnicas e atividades diversas, vídeos, pessoas, orientações, de modo a apresentar aos demais colegas ideias que agucem suas curiosidades, desperte-os para práticas inovadoras e melhore o fazer pedagógico”

P3 – “Ele anota e pesquisa sobre o assunto e sugere temas para as formações”.

Percebemos com as falas acima, que a coordenadora assume o papel de articuladora, tendo uma escuta sensível, buscando meios de viabilizar uma formação contextualizada com as demandas dos professores e a realidade da escola.

Ao coordenador cabe o desafio de buscar alternativas para atender aos anseios do grupo e assim cumprir um de seus papéis primordiais na escola que é o de formador. Cada escola programa sua coordenação junto com o grupo de professores. Algumas não conseguem estabelecer um espaço produtivo de coordenação.

Investigamos sobre como as interlocutoras entendem o papel do coordenador pedagógico frente ao planejamento e a formação continuada, obtendo as seguintes respostas:

P1 – “Ser um grande articulador entre todos que fazem parte do seu grupo de trabalho, assumir a liderança, postura democrática valorizando o diálogo e o respeito e se preocupar com a formação continuada como também a sua própria formação”.

P2 – “É indispensável, até porque, como este não se encontra em sala de aula, consegue ter uma visão do todo, podendo utilizar seu tempo na apresentação de propostas para o trato com as demandas pedagógicas surgidas”.

P3 – “O coordenador deve buscar esses itens, para que seja feita um estudo sobre esses temas posteriormente”.

CP – “Em toda reunião, construção coletiva, tem que haver alguém que “conduza” a construção e/ou organização da mesma. Porém, o coordenador tem que ir além, incitando questionamentos, apaziguando conflitos de ideias, costurando acordos, envolvendo todos os participantes. Assim como diante da formação continuada, onde ele deve exercitar a escuta e a observação sensível para promover as formações que, de fato, seu grupo precise.

Como se observa nos depoimentos acima, o papel de articulador e de formador se destaca na coordenação coletiva.

As participantes da pesquisa relatam, que o papel do coordenador é exercido com responsabilidade e compromisso, demonstrando a preocupação com o planejamento e com a formação continuada. O coordenador, como formador de um

processo de transformação, propicia condições para que a prática seja objeto de reflexão e pesquisa. Mas ele é apenas um dos integrantes que compõe o coletivo.

Vale ressaltar a fala da coordenadora quando enfatiza que o trabalho deve ser coletivo sempre, onde todos tomem a responsabilidade no alcance dos objetivos propostos, até mesmo na ausência do coordenador.

CP – “Vejo que a responsabilidade por conduzir a construção do planejamento coletivo é do coordenador, como também é a de construir a autonomia para que o grupo possa fazer tal planejamento sem a presença dele”.

O trabalho do coordenador com os professores, envolvendo reflexões, deveria fazer com que a ideia de autoria – fazer, errar, rever, mudar e decidir – fosse uma constante na vida escolar (CLEMENTI, 2010 p. 59)

O papel do coordenador referente à formação continuada foi evidenciado positivamente pelas professoras da escola pesquisada, mas essa realidade não é tão comum em outras escolas. A coordenadora entrevistada considera que sua atuação vai além do planejar quando menciona:

CP - Coordenador é um organizador de ideias. Alguém que colabora para a construção do planejamento coletivo, do sujeito professor enquanto pesquisador e autocrítico de suas atividades em sala. No momento em que, durante o espaço de coordenação, ele promove a reflexão sobre o fazer pedagógico individual, está propiciando a reorganização do planejamento e o redimensionamento de práticas pedagógicas, pois na interação com seus pares, o professor, consegue identificar seus acertos e seus erros. Neste contexto, enxergo minha atuação muito além do planejar. Percebo a importância dessa função no reflexo da atuação docente de cada colega e nos avanços que cada estudante demonstra.

Ser coordenador pedagógico significa estar imbricado a um emaranhado de situações que o forma continuamente e orienta as suas escolhas, suas atitudes e sua posição frente à formação dos professores na escola (DOMINGUES, 2014, p.41).

Em seu relato, CP demonstra ter consciência de seu papel na mediação, na motivação, no convencimento, na promoção de discussões, na construção de um planejamento coletivo de forma integrada, mas destaca também os desafios e emaranhados como diz Domingues (2014), encontrados no seu cotidiano frente à promoção de um coletivo na escola pontuando que:

CP – “O maior desafio é lidar com o ego humano. No ato de planejar coletivamente nem sempre todas as ideias podem ser acatadas, algumas são transformadas no momento do planejamento a ponto de da ganhar múltipla

autoria. É perceptível, em vários momentos, o ar de decepção de algum colega que teve sua ideia deposta ou transformada a contento da maioria. Fazer a ponte entre os turnos, também é um grande desafio, pois, por vezes um sobressai ao outro. Promover o equilíbrio tanto na participação da construção como na proposição das ideias requer um enorme jogo de cintura.

Nesse sentido, vale destacar Bruno (2006) quando menciona esta dificuldade citada por CP, no que diz respeito ao trabalho coletivo:

Desprendimento com relação às próprias convicções, atenção para com as convicções do outro e interesse para aprimorar ou alterar profundamente umas e outras são exigências da organização que se pretende coletiva. (BRUNO, 2006, p. 17)

Questionada sobre as ações que considerava importantes no processo de mobilização para o planejamento coletivo, a coordenadora enumerou em três questões:

CP – “Primeiro, inteirar todo o grupo da dinâmica construída historicamente na escola e que norteia o trabalho coletivo. Segundo, convencer a todos dos benefícios do planejamento coletivo. Terceiro, possibilitar uma avaliação constante e prática de, quanto à opinião e participação de cada um, é imprescindível para o fortalecimento do coletivo”.

Este trabalho propôs uma analogia do coordenador com um tecelão. Instigadas a refletir sobre tal analogia as interlocutoras fomentaram considerações muito importantes, finalizando aos questionamentos propostos:

P1 – O tecelão precisa do tear para trabalhar e tecer fios com perfeição, assim também o coordenador precisa do grupo para juntos tecer ideias amarrando as reflexões e desatando os nós que surgem.

P2 - O coordenador é antes de tudo um professor; e esse é essencialmente uma figura criativa, que tem a necessidade de expor aquilo que sabe e acredita, porém, jamais exigindo que suas ideias sejam acatadas. Dessa forma cabe ao coordenador pedagógico sugerir alternativas, levar propostas para apreciação coletiva, conviver com as críticas – inerentes aos seres humanos-; cabe a este profissional convidar a todos semanalmente para ouvir, ser ouvido, costurar intenções, mesclar pontos de vista, valorizar o que cada um tem a oferecer; fazer acontecer aquilo que, provavelmente, não sairia do papel ou do campo das ideias.

P3 - Sim. Acho que o trabalho do coordenador deve ser o de coletar, juntar as ideias e depois coerentemente ajudar o grupo a coloca-las em prática. Para que todos participem ativamente do processo educacional.

CP - Sim, não só é possível tal analogia, como também é uma excelente descrição do trabalho prático do coordenador. Promover o entrelace de ideias, visões de mundo, postura profissional e concepções de educação é uma

verdadeira arte de tecelagem que pode garantir uma bela obra ou um emaranhado de nós. Por vezes, temos que desmanchar um bom caminho já tecido para reorganizar a trama e garantir a unidade do tecido.

Ao lermos os relatos sobre a analogia do coordenador, percebemos que a proposição feita no início desse trabalho, no intuito de um mergulho ao imaginário, foi destacada com propriedade nas falas acima.

Faz-se necessário, na escola, ter criatividade, despojamento, perfeição, zelo, facilidade para unir os pontos bem como coragem para assumir prováveis emaranhados e nós e refazer as tramas. Assim é o coordenador, assim é o planejamento coletivo e a formação continuada: uma arte posta, bastando ser tecida com coragem e sensibilidade para dar conta de tanta responsabilidade.

CONCLUSÃO: NA BUSCA DE ARREMATES

Tecer fios seguros, que não se desfaçam nas relações, tecer a mudança. A vida é um eterno alinhavar de ideias, arrematadas com sabedoria e coragem. Alinhavar ideias, modelar conceitos, customizar essência, vestir um sonho. (Jacqueline Ferreira)

Uma das lições ensinadas pelo ato de tecer é o conhecimento da arte de dar nós. Com nós bem atados, o arremate da costura fica firme e perfeito.

No intento de tecer as considerações finais deste trabalho, sabemos que na tessitura das questões educacionais, ponto final e arremate podem ser considerados difíceis de acontecer. Por ser a educação um processo contínuo e transformador, por vezes exigirá o desmanchar de muitos nós para começar uma nova trama, uma nova padronagem.

Dar seguimento a tecelagem proposta no início deste trabalho, tecer fio a fio, criar e recriar num constante movimento do tear, nos impulsiona a acreditar que, tudo o que foi pontuado no diálogo com estudiosos sobre o tema proposto e após as análises dos instrumentos coletados, corrobora para a afirmação de que é possível acontecer uma formação continuada valorosa no interior da escola.

Este trabalho discutiu sobre a importância do planejamento na Educação Infantil, como fio condutor de formação continuada, e foi possível reconhecer suas possibilidades, pois, planejando, o professor juntamente com o coordenador propicia momentos de reflexão e formação.

A Formação Continuada dos profissionais da escola deve estar presente sempre, sendo lembrada e realizada como possibilidade de crescimento e melhoria para o fazer pedagógico. Constatou-se que o espaço da coordenação coletiva proporciona uma formação constante, seja através dos anseios e dificuldades que surgem no cotidiano, ou seja pela experiência ou vivência que o momento proporciona. Cabendo ao coordenador ter um feeling para aproveitar-se de todas essas situações articulando e buscando meios de formação.

Fica evidente, a importância do cultivo da prática de planejar nas escolas, como forma de buscar uma prática pedagógica comprometida e intencional, para atender aos objetivos de uma educação de qualidade.

O tecelão, antes de iniciar seu trabalho, deve ouvir o cliente para entender suas aspirações e desejos, para então começar a tecer. Mesmo que use de toda sua

criatividade, deverá atender aos anseios propostos no que diz respeito ao produto final.

Nesse sentido, ficou claro também, que é preciso horas a fio para o esclarecimento das finalidades e objetivos da Educação Infantil, tendo o planejamento coletivo como propulsor de um trabalho coerente, dinâmico e criativo.

O espaço e tempo da coordenação pedagógica se torna primordial para que o movimento coletivo se instale, promovendo um refletir junto com o outro, favorecendo as trocas de experiências, ricos momentos de reflexão da teoria e prática firmando o fortalecimento e desenvolvimento dos pares.

Para que a escola seja aberta a esse espaço é necessário que haja entendimento dos reais papéis dos envolvidos no processo educacional, para que cada um em, seu ofício, realize suas atribuições da melhor maneira possível, tendo uma postura democrática e crítica.

Percebemos que na escola pesquisada, o coordenador assume seu papel primordial de formador, mesmo salientando muitos entraves para sua efetivação. O coordenador tendo como prioridade o sentido pedagógico permite um direcionamento das ações fortalecendo a equipe e seu posicionamento responsável e crítico diante do planejamento e trabalho coletivo.

Os professores da escola pesquisada se veem como partícipes, declaram serem ouvidos no processo educativo. Apesar do coordenador ter papel importante na formação continuada que acontece no interior da escola, ele é um professor também, e a responsabilidade pelo movimento do tear não pode ficar restrito só em suas mãos, podendo cada um, cada uma, tecer seu próprio fio com criticidade, criatividade e autonomia.

Quanto à formação continuada e a postura dos professores e coordenadores, Porto (2000), resume que: “O desafio é formar, informando e resgatando, num processo de acompanhamento permanente, um educador que teça seu fio, para apropriação de sua história, pensamento, teoria e prática.” (WEFFORT 1994, p. 6 *apud* PORTO, p.11, 2000)

Conclui-se que, muito ainda há que ser constituído para concretizar a escola como um espaço de tessituras para todos. Há muito que se alinhavar, até chegar aos arremates, mas percebemos que quando o coordenador tece possibilidades transformando a escola em um espaço de encontro, de formação continuada, de

diálogo, de enfrentamento dos conflitos, a educação se estabelece e, a parceria com os professores e professoras é o que conduzirá para o nó no arremate final.

REFERÊNCIAS

- AHMAD, Laila Azize Souto. Planejamento na Educação Infantil: Uma construção mediada pela coordenação pedagógica no núcleo da Educação Infantil. IPÊ Amarelo. Curitiba, PUC, 2011.
- ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera M.N.S. (org.) O coordenador pedagógico e o espaço de mudança. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.
- BRUNO, Eliane Bambini. O trabalho coletivo como espaço de formação. In: GUIMARÃES, Ana Archangelo et al. O coordenador pedagógico e a formação continuada. 9. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2006.
- DOMINGUES, Isaneide: O coordenador Pedagógico e a formação contínua do docente na escola. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- FREIRE, Madalena. Avaliação Escolar: A prática educativa em questão. São Paulo, Espaço Pedagógico, 1997
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004
- FUSARI, J.C. A Construção da Proposta Educacional e do Trabalho Coletivo na Unidade Escolar. Séries ideias, n. pp. 69-77. São Paulo: FDE, 1993.
- GANDIN, Danilo. Planejamento como prática educativa. São Paulo, Loyola, 1993.
- LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes. O Coordenador Pedagógico na Educação Básica: Desafios e Perspectivas. Revista de Educação Educare Et Educare. Vol. 2 nº 4. Jul/dez. 2007. P. 77-90
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis; metodologia jurídica. São Paulo: Atlas, 2009
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- NÓVOA, Antônio. (coord). Os professores e sua formação. Lisboa –Portugal, Dom quixote,1995.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil... Mais que a atividade. A criança em foco. 2000. Disponível em < HTTP: // www.Komarca.com.br /.../ Planejamento na Educação. html >, Acesso em: 01 out . 2015.

PLACCO, Vera M.N. de S.; SILVA, Sylvia H. S. da. A formação do professor: reflexões, desafios, perspectivas. In. BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira(Org). O Coordenador pedagógico e a formação docente. 4. Ed. São Paulo: Loyola,2003.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

_____. O coordenador pedagógico e o espaço de mudança. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. Clementi, Nilba – A voz dos outros e a nossa voz

PORTO, Y. da S. “Formação Continuada: A prática pedagógica recorrente”. In: MARIN A.J. (Orgs). Educação Continuada, Campinas, SP: Papirus, 2000.

SEDF – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. Currículo em movimento da Educação Básica – Educação Infantil

SILVA, Edileuza Fernandes. FERNANDES, Rosana César de Arruda. Da educação infantil ao ensino fundamental: algumas sinalizações. *In Sinpro*

SILVA, Edileuza Fernandes da. A coordenação pedagógica como espaço de organização do trabalho escolar: o que temos e o que queremos. In: VEIGA, I.P.A. *Quem sabe faz a hora de construir o projeto político pedagógico*. Campinas: Papirus, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Roberto K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES



**Universidade de Brasília
 Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
 Centro de Formação Continuada de Professores
 Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica**

Questionário para professores - QP	
Escola: _____	Data da aplicação: ____/____/____

PROFESSOR (A)

O presente instrumento de pesquisa foi elaborado com o objetivo de analisar as possibilidades do planejamento coletivo na Educação Infantil, como fio condutor de uma formação continuada in lócus. Os dados serão utilizados exclusivamente para trabalho de pesquisa acadêmica, no enfoque da formação continuada no tempo e espaço da coordenação Pedagógica.

As informações aqui relatadas serão resguardadas e não serão divulgadas publicamente. Peço a gentileza de usar um pouco do seu tempo para que responda este questionário que será de grande valia para a consolidação dessa pesquisa. Desde já agradeço sua valiosa colaboração.

Atenciosamente,

Juliana Gonçalves Dias

Idade: _____ **Etapa que atua:** _____

Professora efetiva ou contrato temporário? _____

Tempo de SEEDF: _____

Tempo que atua na Educação Infantil: _____

Formação acadêmica: _____

1 – A escola em que trabalha realiza planejamento coletivo?

- A. Sim
- B. Não

2 – Quem é responsável para que ele aconteça?

- A. O Coordenador Pedagógico
- B. A direção da escola
- C. Os professores
- D. Todo o grupo docente com o apoio do coordenador Pedagógico
- E. Ninguém

3 – Você considera-se participante do processo de planejamento tendo voz e vez nesse processo?

- A. Sim
- B. Não
- C. Às vezes
- D. Nunca

4 – Você acredita que o momento do planejamento coletivo é propício para a reflexão, estudo, debates, construção de saberes favorecendo a formação continuada dos professores?

- A. Sim
- B. Não
- C. Às vezes
- D. Nunca

5 – Você considera o planejamento coletivo como fio condutor de formação continuada favorecendo a melhoria em sua prática pedagógica? Justifique.

- A. Sim
- B. Não
- C. Às vezes

6 – Você recorda-se de alguma reflexão feita durante o planejamento, nos momentos de avaliação, troca de experiências tornarem-se tema de estudo para formação continuada na escola? Você consegue citar algum?

A. () Sim

B. () Não

7 – O que é um planejamento coletivo para você?

8 – Você já trabalhou em alguma escola que não realizava planejamento coletivo? Se a resposta for sim, comente sobre sua experiência.

9 – Como você concebe o planejamento na Educação Infantil?

10 – Como é a sistemática de planejamento coletivo vivenciada em sua escola? Como e em que momento acontece?

11 – O coordenador costuma colaborar na elaboração do planejamento? Em caso de afirmativo, justifique.

12 – De que forma o coordenador articula as reflexões que surgem no momento do planejamento que sinalizam a busca de uma formação continuada?

13 – Para você qual o papel do coordenador pedagógico frente ao planejamento coletivo e formação continuada na escola?

14 – A presente pesquisa tem como título: O Coordenador Pedagógico e o planejamento coletivo na Educação Infantil: do alinhavo aos arremates. O coordenador pedagógico é comparado a um tecelão, que com arte entrelaça e entremeia o trabalho coletivo na escola. Você consegue fazer uma analogia sobre o tecelão e o coordenador? Se puder comente.

APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – COORDENADORA



Universidade de Brasília
 Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
 Centro de Formação Continuada de Professores
 Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – COORDENADORA	
Escola: _____	Data da aplicação: ____/____/____

Nome do entrevistado: _____

Idade: _____

Efetiva ou contrato temporário? _____

Tempo de SEEDF: _____

Tempo de experiência na Educação Infantil: _____

Tempo como coordenadora na escola: _____

Formação acadêmica: _____

- 1) Além de professora e coordenadora, que outras funções já exerceu dentro da SEEDF?
- 2) Já exerceu a função de coordenadora na educação infantil antes?
- 3) Como se tornou coordenadora Pedagógica desta escola?
- 4) Como é organizado o trabalho pedagógico da instituição?
- 5) É realizado planejamento coletivo?
- 6) Quem é responsável para que ele aconteça?

- 7) Como é a sistemática de planejamento coletivo vivenciada em sua escola? Como e em que momento acontece?
- 8) O que é um planejamento coletivo para você?
- 9) Quanto à participação dos professores e equipe da escola frente ao planejamento coletivo, como se dá?
- 10) Como você concebe o planejamento na Educação Infantil?
- 11) Você vê possibilidades do planejamento coletivo ser um fio condutor de formação continuada na escola? Justifique.
- 12) Você recorda-se de alguma reflexão feita durante o planejamento, nos momentos de avaliação, troca de experiências tornarem-se tema de estudo para formação continuada na escola? Você consegue citar algum?
- 13) Para você qual o papel do coordenador pedagógico frente ao planejamento coletivo e formação continuada na escola?
- 14) Como você considera a sua atuação na escola? Aponte alguns fatores que demonstram a importância de sua atuação na mesma.
- 15) Quais desafios encontrados por você para promover o planejamento coletivo na escola?
- 16) Que ações você considera importantes no processo de mobilização para o planejamento coletivo?
- 17) A presente pesquisa tem como título: *O Coordenador Pedagógico e o planejamento coletivo na Educação Infantil: do alinhavo aos arremates*. O coordenador pedagógico é comparado a um tecelão, que com arte entrelaça e entremeia o trabalho coletivo na escola. Você consegue fazer uma analogia sobre o tecelão e o coordenador? Se puder comente.